

# Comércio pode crescer

155

O Brasil é destinatário de 38% das exportações canadenses para a América Latina, o que torna o País o maior parceiro comercial do Canadá na região. Em 1996 o comércio bilateral foi de US\$ 2,5 bilhões, com um superávit de US\$ 200 milhões para o Canadá.

Os canadenses estão de olho nas privatizações brasileiras, especialmente no mercado de US\$ 85 bilhões que se abre para o setor de telecomunicações, onde o Canadá é um dos líderes mundiais em tecnologia. Os investimentos canadenses no Brasil somam US\$ 2,5 bilhões — muito menos do que no Chile, onde estão investidos US\$ 8 bilhões, especialmente em mineração.

Um eventual acordo de livre comércio entre Brasil e Canadá, porém, é virtualmente impossível. Devido às exigências do Mercosul, tal acordo teria de incluir nossos três parceiros do Sul (Argentina, Uruguai e Paraguai). Mas não é impossível que o assunto seja abordado durante a visita de Fernando Henrique.

“Nós não temos os dados para decidir se um acordo de livre comércio entre o Canadá e o Mercosul é viável. Mas eu penso que os burocratas poderão ser chamados a estudar essa possibilidade”, admite Kathryn Mc Callion, subsecretária para assuntos de comércio, investimentos e comunicações do Ministério das Relações Exteriores do Canadá.

## ALCA

Mc Callion, que é também a negociadora canadense para a Alca, falou na semana passada a um grupo de jornalistas brasileiros sobre a posição dos dois países a respeito da integração comercial do continente. “A velocidade da integração é a nossa maior diferença”, disse. “O Canadá entende que vocês já abriram sua economia, tiveram de abrir de novo com o Mercosul, e agora são chamados a se abrir para um mercado ainda maior, que inclui os Estados Unidos. O que o Canadá não entende é a posição do Brasil de dizer ao mundo: parem tudo até que nós estejamos prontos”.

Na falta de um acordo de livre comércio, a diplomata canadense acredita que se poderia pensar

num acordo sobre investimentos, de modo a deixar mais claras as regras do jogo para os empresários. Mas, para ela, tudo vai depender do futuro político dos dois chefes de estado que se encontrarão esta semana.

## REELEIÇÃO

Assim como Fernando Henrique, o primeiro-ministro Jean Chrétien está pensando em se reeleger. No Canadá parlamentarista, as eleições serão convocadas pelo próprio Chrétien. A imprensa acredita que será em junho.

O escritório de consultoria Conference Board aposta que será no outono (setembro ou outubro) e que Chrétien será facilmente reeleito. A dúvida é se o Partido Liberal, no poder, vai melhorar sua posição em relação aos separatistas da província de Quebec e ao Partido Conservador.

O futuro da economia canadense a longo prazo dependerá basicamente da política, acredita o Conference Board. As projeções de curto prazo são animadoras, salvo por uma nova elevação da taxa de juros nos Estados Unidos, o que poderia obrigar o Canadá a fazer o mesmo. A economia deve crescer 2,9% este ano e 2,7% em 1998, mas não há previsão de queda do desemprego. A inflação deve permanecer estável em 2,2% este ano e 2,3% no próximo. Depois de 30 anos consecutivos de déficits orçamentários, o Canadá está a caminho do equilíbrio fiscal, que se antevê para o ano 2000.

O ajuste foi feito basicamente com corte de despesas, acompanhado em alguns casos por redução de impostos, e está em curso também nas províncias (estados). Se for mantido o passo atual, a previsão do Royal Bank (maior banco do Canadá e o sexto da América do Norte) é que o superávit fiscal seja crescente a partir de 2001, atingindo 60 bilhões de dólares canadenses (1 dólar canadense equivale a US\$ 0,73) em 2016.

O problema político que os canadenses terão de resolver é o que fazer com esses “dividendos fiscais: reduzir pela metade os impostos federais; aumentar as despesas em um terço; ou uma combinação dessas duas hipóteses. (NT)